



## EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DILEMA

Glênio Rodrigues Ribeiro Neto<sup>1</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
glenio\_rodrigues@hotmail.com

Elane Sousa da Silva<sup>2</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
elane\_hta\_@hotmail.com

Wesley Hericles Almeida Lopes<sup>3</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
Wesley.lopes@hotmail.com

Erica Soraia Maia de Lima  
Universidade Estadual da Paraíba  
Erica.soraia@hotmail.com

Francisca Julia Mendes de Sousa<sup>4</sup>  
Universidade Estadual da Paraíba  
Julias2wilton@gmail.com

**RESUMO:** A função social da escola vem se modificando de acordo com a evolução da sociedade, nos dias atuais a escola deve ter a consciência de que a formação do indivíduo deve ser tanto profissional como crítica, sendo assim o âmbito educacional torna-se um lugar de interação entre alunado e profissionais da educação. Assim o presente trabalho consiste em uma pesquisa relacionada a sexualidade no âmbito educacional, uma vez que a temática em questão ainda é tratada por boa parte da sociedade como um tabu quando nos referimos a falar com adolescentes ou crianças, mas todos esquecem que quanto mais informações acerca do assunto mais bem informado estará o adolescente, pois é esse público que mais sofre com essa falta de informação. Sendo assim, nossas inquietações visam saber qual o efeito causado pelas mais diversas formas de interferência do preconceito social, perante as questões da sexualidade na escola, demonstrando com nossas pesquisas, que a abordagem da temática em questão é de suma importância para o desenvolvimento do alunado quanto cidadão crítico. Para isso, usamos uma fundamentação teórica que aborda as questões sobre a sexualidade na escola, sendo isso realizado a partir das teorias presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) Brasil (1997), a teoria de Freire (1987 e 2002), as relações existentes em sala de aula, Foucault, (1999), entre outros. Com isso as contribuições que queremos deixar para os nossos leitores é que a base para que a escola se torna um lugar em que aluno aprenda desde matemática até sexualidade é o diálogo, uma vez que essa ferramenta acarretará respeito por ambas as partes aluno/professor.

**Palavras-chaves:** Educação Sexual, Professor, Aluno.

---

<sup>1</sup> Autor

<sup>1</sup> Co-autora

<sup>1</sup> Co-autor

<sup>1</sup> Orientadora



## INTRODUÇÃO

A sexualidade está inerente ao ser, e a discussão sobre assunto é cotidiana, provocando indagações por parte dos alunos, professores, escola e pais, o assunto se torna tabu quando ultrapassa as barreiras da escola, e põe em questão até aonde a escola pode abordar o tema e como o professor deve trabalhar, de modo que resolva parcialmente as questões do alunado, respeitando sua bagagem sócio cultural.

Nosso objetivo visa mostrar as mais diversas formas do trabalho sobre educação sexual em sala de aula, podendo abolir os estigmas, preconceitos e visões errôneas sobre a temática, sendo tratada como uma questão de saúde, através de uma pesquisa bibliográfica, utilizando diversos aportes de teóricos estudiosos da área, bem como as

## EDUCAÇÃO SEXUAL: UM DILEMA

A educação sexual deve ser tema de diversas discussões travadas em meio a sociedade atual, deve-se entender que a educação sexual abordada na escola está além da orientação sexual do indivíduo, ela busca compreender aspectos religiosos, sócio históricos e de conhecimentos de causas, como aborto e outras questões cotidianamente deparadas pelos alunos que põe em questão como e quando se deve trabalhar sexualidade nas escolas.

abordagens dos parâmetros que regem a educação Brasileira, os PCNs ( Parâmetros Curriculares Nacionais).

Os PCNs abordam o tema da educação sexual e da orientação sexual como transversais e que devem ser trabalhados em sala de aula. A temática deve ser abordada pela escola como forma reflexiva, de modo que explicita os mais variados temas sobre as manifestações sexuais, de gêneros e entre outros, construindo um ponto de referência para o aluno. Essas questões e outras, são colocadas em foco diariamente e vista no cotidiano do aluno, Assim, a escola é como ponto de apoio. O ambiente familiar muitas vezes não é adequado para o tema da sexualidade o que pode causar confusões no aluno, a escola funcionaria como ponto de apoio e esclarecimento.

Com a inclusão da Orientação Sexual nas escolas, a discussão de questões polêmicas e delicadas, como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura. (BRASIL, 1997, p.293)

A Lei 5692/71 instituída em 1971 modifica as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a partir deste ano torna-se



obrigatório o trabalho da sexualidade humana em sala de aula, sendo esse programa ligados a termos de saúde, instaurado assim no currículo escolar. Shiavo e Silva, 1997, vem tratar da sexualidade como sendo ligados num contexto histórico cercado por normas e comportamentos desta época que relaciona o social e o cultural, visando primordialmente as concepções religiosas do indivíduo sendo inseridos por grupos sociais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) traz perspectiva educacionais tratando os temas sexuais como sendo transversais na educação.

## PROFESSOR, ESCOLA E SEXUALIDADE

A discussão em torno do trabalho do tema da sexualidade na escola não é tida como obrigatoriedade nos PCNs (Ludke, 2000). O professor pode ser visto pelo aluno como uma fonte confiável de informação, deve-se tratar o assunto sem isenções e ideologias, como tema primordial para se debater as questões distanciando o máximo possível de conservadorismos e crenças, fazendo com que o aluno aceite o assunto de modo social, sendo apresentado as mais variadas questões da sexualidade, que são elas a orientação sexual, o preconceito de gênero e questões ligadas a saúde do indivíduo.

Se considerarmos a obra de Paulo Freire e sua ideia defendida no seu livro

Na introdução dos PCNs traz que “ a proposta (...) para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas”. A sexualidade atrelada a questões sócio histórica do individuo promove debates intermináveis da aceitação da educação nesta área, pois valores e opiniões formadas por ideologias muitas vezes fracassa o debate por parte dos professores também promove uma certa resistência por parte da escola ao se discutir questões ligadas a sexualidade, o que inclui gênero, sexualidade e orientação sexual.

“Pedagogia da Autonomia”, de que o professor não dever apenas transferir conhecimento, ele deve ser um mediador, proporcionando que o aluno tenha contato com as diversas possibilidades de entendimento sobre os temas abordados, construindo seu próprio conhecimento em uma perspectiva de educação relacional do construtivismo, assim a educação sexual deve ser trabalhada de forma transversal na escola, para que os alunos não tomem o que é repassado como verdade absoluta, não sendo um modelo, servindo apenas de informação e orientação para discussão da temática da sexualidade.

Levando em consideração a família, o fato dela ter valores que são tidos como



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

conservadores ou liberais, interferem na formação das crianças e jovens, não se deve abordar o fato da sexualidade de forma que contribua negativamente em meio ao ambiente familiar, já que o convívio com os pais e a família tem grande importância, pois é o primeiro modelo sexual que se têm na infância. Ela não deve ser tratada de moda que aja repugnância, repressão ou muito menos ignorada. Foucault (1999, p. 98) diz que a sexualidade não deve ser descrita como:

[...] um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgotasse na tentativa de sujeita-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder, entre homens e mulheres, entre jovens e velhos, entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias.

Ressaltando o que Foucault traz, não existe uma estratégia ou uma fórmula que seja tida como exemplo para toda a sociedade no que se refere as mais variadas manifestações do sexo. Deve ser trabalhada de forma que aja

esclarecimento sem deixar resquícios sociais e ideológicos.

Os PCNs visa com esses assuntos transversais, não apenas o repasse de conteúdo ou a imposição da temática na vida do alunado, ele tem como objetivo primordial despertar no aluno sua formação crítica e analítica, visando abolir qualquer forma de repugnância ou preconceito.

A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal. (BRASIL, 1997, p. 299)

Tendo a escola como meio de possibilidade de trabalhar diversos assuntos em sala de aula acarretaria no conhecimento das mais variadas formas de sexualidade, levando sempre em consideração fatos cotidianos onde o aluno pode se identificar e transformar isto discussões sobre a temática. O assunto deve assim ser tratado de modo geral, de forma que o aluno não se sinta



ofendido ou sendo pauta das exposições trazidas pelos professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou articular questões da educação sexual nas escolas, incluindo a família, a escola e o professor na formação do aluno, visando as variadas possibilidades de se tratar o tema, de modo que o alunado seja submetido aos mais diversos pontos sobre a sexualidade. Assim a contribuição de todos ajudaria na construção de um cidadão crítico e liberto de estigmas sociais que o levem a opinião preconceituosa sobre os temas aqui abordados.

O trabalho da sexualidade deve ser de forma reflexiva provocando e instigando ao

## REFERÊNCIAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental.** – Brasília: MEC/SEF, 1998.

aluno as mais diversas versões, tratando o tema de modo transversal, acreditando que a educação sexual vai além das barreiras da escola e se torna conhecimento da sociedade, onde se cria um cidadão do século XX, sabendo respeitar as diversas diferenças. Assim a educação dessa temática não deve ser praticada de forma isolada, mas sim possibilitando o diálogo do professor e aluno junto a família.

As compreensões aqui deixadas para os nossos leitores é que o tema deve ser trabalhado de maneira dinâmica e sem medo, buscando uma polarização de opiniões já existente, dialogando e refletindo junto ao aluno, fazendo com que se torno um cidadão crítico e reflexivo das questões sociais e culturais do mundo.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

LÜDKE, Menga. **O professor da escola básica e a pesquisa.** In: CANDAU, V. (org.). **Reinventar a escola.** Petrópolis: Vozes, 2000.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudos, não um**

**acervo de contas.** 3° ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SCHIAVO, M. R.; SILVA, M. do C. de A. **Educação Sexual: história, conceitos & metodologia.** In: SILVA, M. do C. de A.; SERAPIÃO, J. J.; JURBERG, P. **Sexologia: interdisciplinaridade nos modelos clínicos, educacionais e na pesquisa.** Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)